

VIAGENS, DESCOBRIMENTOS E IDENTIDADE NACIONAL: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE A LITERATURA PORTUGUESA E A LITERATURA INGLESA/NORTE-AMERICANA

Camila de Nazaré Colares da Costa

<https://orcid.org/0009-0008-5498-9754>

E-mail: camila.calculadora10@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N1>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N1-17>

RESUMO: A literatura comparada permite analisar as interseções e diálogos entre diferentes tradições literárias, evidenciando como temas universais são reinterpretados a partir de realidades culturais distintas. Este estudo investiga as relações entre a literatura modernista portuguesa e anglófona, com foco na produção de Fernando Pessoa, José Saramago, T.S. Eliot e William Faulkner. O objetivo é compreender como esses autores exploram a fragmentação da identidade, a crise dos discursos históricos e a experimentação formal como resposta às transformações socioculturais do século XX. A metodologia adotada baseia-se na análise comparativa das obras *Mensagem* (Pessoa), *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (Saramago), *A Terra Devastada* (Eliot) e *O Som e a Fúria* (Faulkner). A pesquisa examina elementos estruturais, como a desconstrução da linearidade narrativa, o uso da intertextualidade e a problematização da identidade nacional. Além disso, o estudo dialoga com teóricos da literatura comparada e do modernismo para embasar as análises. Os resultados indicam que, apesar das diferenças contextuais, essas obras compartilham uma abordagem crítica sobre a tradição e a modernidade, evidenciando o impacto das guerras, do declínio dos impérios e da transformação das sociedades sobre a subjetividade e a memória coletiva. Tanto na literatura portuguesa quanto na anglófona, a fragmentação formal reflete a desorientação do sujeito moderno e a necessidade de reconfigurar as narrativas históricas. A pesquisa destaca a relevância da literatura como espaço de questionamento e reinvenção da identidade, demonstrando que os desafios modernistas ainda ressoam na contemporaneidade. A comparação entre essas tradições literárias amplia a compreensão do modernismo como um fenômeno global e em constante diálogo.

PALAVRAS-CHAVE: Modernismo. Identidade. Literatura Comparada. Fragmentação. História.

TRAVELS, DISCOVERIES AND NATIONAL IDENTITY: A COMPARATIVE STUDY BETWEEN PORTUGUESE LITERATURE AND ENGLISH/NORTH AMERICAN LITERATURE

ABSTRACT: Comparative literature enables the analysis of intersections and dialogues between different literary traditions, highlighting how universal themes are reinterpreted based on distinct cultural realities. This study examines the relationships between Portuguese and Anglophone modernist literature, focusing on the works of Fernando Pessoa, José Saramago, T.S. Eliot, and William Faulkner. The objective is to understand how these authors explore identity fragmentation, the crisis of historical discourses, and

formal experimentation as responses to the sociocultural transformations of the 20th century. The methodology is based on a comparative analysis of *Mensagem* (Pessoa), *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (Saramago), *The Waste Land* (Eliot), and *The Sound and the Fury* (Faulkner). The research examines structural elements such as the deconstruction of narrative linearity, the use of intertextuality, and the problematization of national identity. Additionally, the study engages with comparative literature and modernist theorists to support the analysis. The findings indicate that, despite contextual differences, these works share a critical approach toward tradition and modernity, revealing the impact of wars, the decline of empires, and social transformations on subjectivity and collective memory. In both Portuguese and Anglophone literature, formal fragmentation reflects the disorientation of the modern subject and the need to reconfigure historical narratives. This research highlights literature as a space for questioning and reinventing identity, demonstrating that modernist challenges remain relevant today. Comparing these literary traditions broadens the understanding of modernism as a global phenomenon in constant dialogue.

KEYWORDS: Modernism. Identity. Comparative Literature. Fragmentation. History.

INTRODUÇÃO

A literatura comparada é um campo de estudo que se dedica à análise das relações entre diferentes tradições literárias, investigando como as narrativas, temas e formas estéticas dialogam entre si ao longo do tempo e através das fronteiras culturais. Seu objetivo é compreender como diferentes sociedades constroem suas representações do mundo, influenciam-se mutuamente e ressignificam elementos comuns de acordo com suas próprias realidades históricas e culturais. A literatura comparada permite traçar paralelos entre textos de diferentes países, promovendo um entendimento mais amplo da literatura como um fenômeno global e interconectado (Damrosch, 2003).

A literatura portuguesa e a literatura anglófona, particularmente a inglesa e a norte-americana, oferecem um rico campo de estudo comparativo, pois compartilham momentos históricos de impacto mundial, como a expansão marítima, o colonialismo, os conflitos bélicos e a modernização. Portugal, com sua tradição literária profundamente marcada pelos Descobrimentos e pela construção de uma identidade nacional pautada pelo sebastianismo e pela nostalgia do império, produziu obras que frequentemente refletem a relação entre o sujeito e a história. Já a literatura inglesa e norte-americana, surgidas em contextos de expansão imperialista e de construção de nações que se tornaram potências mundiais, exploram temas semelhantes sob perspectivas distintas,

frequentemente associadas à identidade individual e à crítica do progresso.

Ao longo dos séculos, essas literaturas desenvolveram temas que se entrelaçam e que, muitas vezes, convergem para questões comuns, como a formação da identidade nacional, o papel da memória na construção da história, a tensão entre tradição e modernidade e os impactos do colonialismo e da globalização sobre a cultura e a subjetividade. A literatura portuguesa, fortemente influenciada pelo passado colonial e por um imaginário de glórias perdidas, muitas vezes revisita esses temas para questioná-los e reinterpretá-los. Por outro lado, a literatura inglesa e norte-americana tende a explorar a formação do indivíduo em meio a processos históricos de expansão, colonização e rupturas sociais.

Diante dessas interseções, este estudo se propõe a realizar uma análise comparativa entre essas tradições literárias, com enfoque especial na produção modernista. O modernismo foi um movimento que surgiu como resposta às mudanças sociais e culturais provocadas pelo avanço da industrialização, pelas guerras e pelo colapso das certezas do mundo ocidental. Tanto em Portugal quanto nos países de língua inglesa, o modernismo trouxe uma nova concepção de literatura, caracterizada pela fragmentação da linguagem, pela experimentação formal e pela crítica aos discursos tradicionais sobre identidade e história.

A escolha dos autores e obras analisadas se justifica pelo papel fundamental que desempenharam na renovação estética e temática de suas respectivas tradições literárias. Fernando Pessoa e José Saramago são dois dos mais importantes escritores da literatura portuguesa e suas obras apresentam uma relação complexa com a identidade nacional. Pessoa, por meio de seus heterônimos, problematiza a ideia de um sujeito único e coeso, explorando a multiplicidade de perspectivas e a fragmentação do eu. Sua obra *Mensagem* (1934) revisita a história de Portugal sob uma ótica melancólica e irônica, misturando o épico e o simbólico para criar um discurso que oscila entre a exaltação e a dúvida.

Já José Saramago, em *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), revisita um heterônimo de Pessoa e o insere em um contexto histórico real, durante o Estado Novo. Ao fazer isso, Saramago propõe uma reflexão sobre o papel da literatura na construção da memória nacional e sobre a relação entre ficção e realidade. Sua obra se caracteriza

pelo questionamento das versões oficiais da história, pelo uso de uma narrativa fluida e descontínua e pelo aprofundamento da ironia e do ceticismo em relação ao destino do país.

Na literatura anglófona, T.S. Eliot e William Faulkner desempenharam papel semelhante ao subverterem as formas tradicionais de narrativa e explorarem a fragmentação da identidade. Eliot, em *A Terra Devastada* (1922), constrói um poema que reflete o colapso dos valores ocidentais após a Primeira Guerra Mundial. A justaposição de referências mitológicas, históricas e culturais, sem um fio narrativo claro, demonstra a sensação de desorientação do sujeito moderno. Sua obra dialoga diretamente com a literatura portuguesa no que diz respeito à nostalgia de um passado glorioso e à crise de identidade da modernidade.

Faulkner, por sua vez, aprofunda essa fragmentação ao aplicar técnicas narrativas inovadoras em *O Som e a Fúria* (1929). O romance desestrutura a linearidade do tempo e a coerência narrativa ao apresentar diferentes perspectivas, cada uma marcada por uma subjetividade única e, muitas vezes, desordenada. Seus personagens vivem em um mundo de desintegração e decadência, marcado pela memória de um passado que não pode ser recuperado. A estrutura de sua obra reflete a própria incerteza do mundo moderno e dialoga com a literatura portuguesa na medida em que também questiona os valores e mitos fundadores de sua cultura.

Os objetivos deste estudo são, portanto, analisar as estratégias narrativas e estilísticas utilizadas pelos modernistas portugueses e anglófonos para representar a fragmentação da identidade e a crise dos discursos históricos. Busca-se entender como esses escritores revisitaram a tradição para desconstruí-la e como suas obras dialogam entre si, mesmo pertencendo a contextos culturais distintos.

A metodologia adotada para essa análise será baseada em uma abordagem comparativa, considerando as semelhanças e diferenças entre as obras selecionadas. Serão examinados aspectos como a estrutura narrativa, a construção do sujeito, o uso da intertextualidade e a relação entre literatura e história. Além disso, será feita uma leitura crítica das obras com base em estudiosos da literatura comparada e do modernismo, como Eduardo Lourenço (1986), David Damrosch (2003) e Alfredo Bosi (2006), a fim de

fundamentar a interpretação das conexões entre os textos.

A literatura comparada se apresenta, assim, como uma ferramenta essencial para entender as formas pelas quais diferentes culturas lidam com as mesmas inquietações. O modernismo, ao se estruturar como um movimento de crise e ruptura, permite observar como diferentes tradições literárias responderam a desafios comuns, criando narrativas que, apesar de suas especificidades, compartilham um mesmo impulso de renovação estética e problematização da identidade.

Este estudo pretende demonstrar que a literatura não é apenas um reflexo da realidade, mas também um espaço ativo de disputa e reinvenção de narrativas. Ao comparar a literatura portuguesa e a anglófona, será possível perceber como essas obras desafiaram os discursos tradicionais e abriram caminho para novas formas de pensar a identidade, a memória e a literatura em um mundo em constante transformação.

A TEMÁTICA DAS VIAGENS E DESCOBRIMENTOS

A literatura de viagens e descobrimentos desempenha um papel central na construção de identidades nacionais e na formação de imaginários coletivos. No contexto da literatura portuguesa e anglófona, as narrativas que abordam grandes navegações, explorações e deslocamentos refletem não apenas o ímpeto expansionista das sociedades da época, mas também as contradições inerentes ao contato entre culturas distintas. A construção do viajante- explorador como símbolo de poder e conquista revela nuances ideológicas presentes em obras fundamentais, como *Os Lusíadas*, de Luís de Camões (1572), e *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto (1614), que apresentam visões heroicas dos navegadores portugueses. Já na literatura inglesa e norte-americana, textos como *Robinson Crusoé*, de Daniel Defoe (1719), e *As Aventuras de Huckleberry Finn*, de Mark Twain (1885), oferecem outras perspectivas sobre o deslocamento, a exploração e a noção de território.

A literatura portuguesa do período das Grandes Navegações exaltava o feito heroico dos exploradores lusitanos, enaltecendo a missão civilizatória e os desafios impostos pelos mares desconhecidos. Em *Os Lusíadas*, Camões (1572) apresenta Vasco da Gama como um protagonista que simboliza a glória de Portugal, construindo uma epopeia que

mistura história e mito para consolidar a identidade nacional portuguesa. O texto camoniano busca legitimar o expansionismo lusitano e reafirmar a grandiosidade da pátria, algo evidente nos versos que descrevem a chegada dos portugueses à Índia e a recepção dos deuses do Olimpo, que os reconhecem como heróis dignos de glória.

Fernão Mendes Pinto (1614), por sua vez, adota uma abordagem distinta em *Peregrinação*, ao apresentar um relato de viagem que, embora possua elementos heroicos, também expõe as dificuldades, ambiguidades e desafios enfrentados pelos navegadores portugueses no Oriente. Diferentemente da exaltação heroica de Camões, Mendes Pinto introduz elementos de crítica e ironia, revelando a precariedade das condições enfrentadas pelos exploradores e o choque entre diferentes civilizações. O olhar do autor, marcado por uma perspectiva mais próxima da realidade vivida pelos aventureiros da época, possibilita uma interpretação menos idealizada da expansão marítima portuguesa.

Na literatura inglesa, a temática da viagem assume contornos distintos, refletindo as experiências dos impérios britânico e norte-americano em contextos de colonização e dominação territorial. Em *Robinson Crusoé*, Defoe (1719) explora a figura do viajante como explorador e colonizador, construindo um protagonista que, ao naufragar em uma ilha deserta, busca impor a ordem europeia sobre o ambiente inóspito. O personagem de Crusoé representa o espírito empreendedor e racionalista do homem europeu, que vê na natureza um espaço a ser dominado e convertido em território civilizado. O livro enfatiza a autossuficiência e a racionalidade, consolidando a ideia de que o colonizador tem o dever moral de transformar e “melhorar” o mundo ao seu redor.

A narrativa de Mark Twain (1885), por sua vez, apresenta uma abordagem diferente ao tratar do deslocamento e da exploração territorial. Em *As Aventuras de Huckleberry Finn*, o rio Mississipi surge como um espaço de fuga e liberdade, onde o protagonista e o escravo Jim desafiam as normas sociais vigentes. Ao contrário de Crusoé, que busca domesticar a natureza e transformá-la à imagem do mundo europeu, Huck e Jim fazem da viagem uma forma de contestação à sociedade americana da época.

A comparação entre as narrativas de viagem da literatura portuguesa e anglófona evidencia diferenças fundamentais nas formas de representação do explorador e do território desconhecido. Enquanto os lusitanos viam nas Grandes Navegações um projeto

nacional de grandeza e prestígio, a literatura inglesa e norte-americana frequentemente apresenta deslocamentos individuais, enfatizando o caráter subjetivo da experiência do viajante. Além disso, o colonialismo permeia ambas as tradições literárias, mas de maneiras distintas: se na epopeia portuguesa há uma legitimação da missão imperialista, na literatura inglesa há uma reflexão sobre os efeitos da colonização na formação das identidades nacionais.

Outro aspecto essencial nessa análise é a forma como essas narrativas moldam o imaginário sobre o Outro. Em Camões e Mendes Pinto, o estrangeiro é retratado ora como exótico e misterioso, ora como bárbaro e hostil. Em *Robinson Crusoé*, o personagem Sexta-Feira representa a submissão do nativo ao colonizador europeu, perpetuando a ideia de que a civilização ocidental deveria impor seus valores sobre os povos originários. Já em Twain, há um esforço em subverter essa lógica, ao apresentar Jim como um personagem humano e complexo, que desafia os estereótipos raciais predominantes no século XIX.

Dessa forma, percebe-se que a literatura de viagens e descobrimentos, tanto na tradição portuguesa quanto na anglófona, desempenhou um papel central na construção de identidades nacionais e na justificativa das políticas expansionistas. Contudo, ao longo do tempo, essas narrativas passaram a ser reinterpretadas sob novas perspectivas, evidenciando as contradições e dilemas do processo de colonização.

A análise comparativa entre *Os Lusíadas*, *Peregrinação*, *Robinson Crusoé* e *As Aventuras de Huckleberry Finn* revela como diferentes tradições literárias abordam a questão do deslocamento e da descoberta, refletindo os contextos históricos e ideológicos em que foram produzidas. Mais do que simples relatos de viagens, essas obras contribuem para a construção de discursos sobre poder, identidade e alteridade, influenciando a forma como as sociedades compreendem sua história e seu papel no mundo.

A literatura de viagens e descobrimentos, além de ser um testemunho histórico, cumpre um papel essencial na formação de identidades nacionais e no desenvolvimento de discursos de poder. O deslocamento geográfico do narrador, seja ele um explorador heroico, um viajante errante ou um colono em busca de domínio sobre terras estrangeiras, reflete as tensões entre civilização e barbárie, identidade e alteridade, progresso e

resistência. Essas dicotomias aparecem tanto nas epopeias portuguesas que exaltam as conquistas marítimas, como *Os Lusíadas* (Camões, 1572), quanto nas narrativas inglesas e norte-americanas que reconstroem a figura do viajante como sobrevivente, colonizador ou fugitivo, a exemplo de *Robinson Crusoé* (Defoe, 1719) e *As Aventuras de Huckleberry Finn* (Twain, 1885).

A glorificação da expansão marítima portuguesa insere-se em um projeto de legitimação da conquista e exploração ultramarina, alinhado aos interesses do Estado e da Igreja. Camões (1572) constrói uma narrativa que transforma os navegadores lusitanos em heróis épicos, destinados a levar a civilização europeia a terras desconhecidas. No entanto, a própria estrutura da epopeia revela um jogo de tensões entre grandiosidade e fragilidade, evidenciado nos obstáculos impostos pelos deuses e nas dificuldades da travessia. Greenblatt (2009) observa que

“As epopeias renascentistas que retratam os feitos expansionistas europeus não apenas consolidam um discurso de poder, mas também expõem as inquietações subjacentes a esse projeto. O desejo de conquista está sempre acompanhado pelo medo do desconhecido e pela necessidade de justificar, moralmente e politicamente, a dominação do outro” (Greenblatt, 2009, p. 142).

Essa construção mitológica, entretanto, não se sustenta sem contradições. Diferente da grandiosidade camoniana, Fernão Mendes Pinto (1614) oferece em *Peregrinação* uma visão menos heroica e mais realista da aventura marítima, destacando o caráter errante e imprevisível da viagem. Suas descrições das terras e dos povos do Oriente são carregadas de assombro, ironia e desilusão, expondo a precariedade da vida dos navegadores e a ambiguidade das relações entre colonizadores e colonizados. Em muitos momentos, o relato se afasta da retórica glorificadora para evidenciar o choque cultural e as dificuldades da empresa expansionista.

Na tradição anglófona, a figura do viajante e explorador assume contornos diferentes, refletindo a mentalidade protestante e o individualismo característico da literatura inglesa. Em *Robinson Crusoé*, Defoe (1719) reconfigura o imaginário da viagem, deslocando o foco da grandeza nacional para a autonomia do indivíduo. O protagonista não é um representante de um império, mas um homem isolado que, por meio

da racionalidade e do trabalho, reconstrói a civilização em miniatura na ilha deserta. Aqui, a ideia de descobrimento não está vinculada à exaltação nacional, mas à capacidade do homem europeu de superar adversidades e transformar o ambiente a seu favor.

Essa perspectiva ressurgiu na literatura norte-americana, mas com uma abordagem crítica. Enquanto Crusoé representa o colonizador bem-sucedido, que molda a terra conforme sua vontade, Huck Finn simboliza o deslocado, o fugitivo que resiste à civilização imposta. Em *As Aventuras de Huckleberry Finn* (Twain, 1885), a jornada fluvial pelo rio Mississippi não é uma expedição expansionista, mas uma busca por liberdade. O protagonista e o escravo Jim navegam em direção ao desconhecido não para dominar territórios, mas para escapar das restrições impostas pela sociedade branca e escravocrata.

Essa subversão da narrativa de viagem evidencia um questionamento do mito da descoberta e da colonização. Twain transforma o ato de viajar não em uma missão imperialista, mas em um gesto de rebeldia contra a ordem estabelecida. Isso contrasta fortemente com a literatura portuguesa, na qual a viagem é frequentemente associada ao cumprimento de um destino glorioso.

Por fim, percebe-se que a viagem, na literatura, nunca é apenas um deslocamento físico. Ela é uma metáfora para mudanças culturais, para o encontro entre diferentes realidades e para os conflitos gerados pelo desejo de expansão e controle. A literatura comparada, ao colocar essas narrativas em diálogo, permite não apenas analisar os diferentes significados da viagem, mas também refletir sobre os impactos da colonização e do deslocamento na construção das identidades nacionais.

MODERNISMO E IDENTIDADE NACIONAL

O modernismo, tanto na tradição portuguesa quanto na anglófona, emerge como um movimento de ruptura, questionamento e reconfiguração das identidades nacionais e culturais.

Enquanto o modernismo português, representado por Fernando Pessoa e José Saramago, explora a fragmentação do sujeito e o embate entre tradição e modernidade, o modernismo inglês e norte-americano, com T.S. Eliot e William Faulkner, reflete o

colapso das certezas do mundo ocidental e a experimentação narrativa como forma de expressar o desconforto com a modernidade.

A literatura modernista estabelece uma relação crítica com a identidade nacional, problematizando símbolos históricos, mitos fundadores e discursos de poder. No caso português, a tradição épica e o saudosismo sebastianista são desconstruídos por Fernando Pessoa (1934) em *Mensagem*, uma obra que ao mesmo tempo reafirma e questiona o mito da grandeza lusitana. A tensão entre um passado glorioso e um presente de decadência perpassa toda a obra, refletindo a complexidade da identidade nacional portuguesa no início do século XX.

Essa dialética entre identidade e incerteza é característica do modernismo e se estende à obra de José Saramago (1984), que em *O Ano da Morte de Ricardo Reis* reinterpreta a tradição pessoana ao inserir um de seus heterônimos como personagem central. Saramago projeta uma visão desencantada da nação, marcada pelo peso da história e pelo ceticismo em relação ao futuro. A obra propõe uma revisitação crítica da identidade portuguesa, revelando como os discursos de poder moldam a percepção do passado e as possibilidades de renovação.

Na tradição anglófona, T.S. Eliot (1922), com *A Terra Devastada*, e William Faulkner (1929), com *O Som e a Fúria*, exploram a fragmentação do sujeito moderno e a crise dos valores ocidentais. A poesia de Eliot compõe um mosaico de vozes e referências, refletindo a perda de um centro unificador da experiência moderna. A desconstrução da linearidade narrativa e a justaposição de diferentes registros discursivos criam uma estética que expressa o sentimento de deslocamento e alienação característico do período pós-Primeira Guerra Mundial. Eliot (1922) destaca, em uma passagem emblemática: “Abril é o mês mais cruel, fazendo brotar / Lilases da terra morta, misturando / Memória e desejo, remexendo / Raízes opacas com a chuva da primavera” (Eliot, 1922, p. 1). Esse trecho ilustra a melancolia e o desalento que permeiam a obra, sugerindo que a modernidade, em vez de representar progresso e renovação, é um território de desolação e esfacelamento da identidade.

O mesmo ocorre em William Faulkner (1929), que em *O Som e a Fúria* desconstrói a narrativa tradicional ao fragmentar o ponto de vista dos personagens e explorar o fluxo

de consciência como técnica narrativa. A família Compson, em ruínas, simboliza o declínio do Sul dos Estados Unidos, assim como a pátria decadente em Pessoa e Saramago. Os protagonistas vivem em um mundo onde as referências identitárias se desintegram, deixando apenas memórias dispersas e um presente caótico.

A comparação entre essas literaturas revela que o modernismo, embora parta de diferentes contextos históricos e culturais, compartilha a preocupação com a crise da identidade e a busca por novas formas de expressão. Tanto a literatura portuguesa quanto a anglófona se apropriam da fragmentação como estratégia estética e como forma de questionar os discursos hegemônicos sobre a nação e o indivíduo.

Além disso, a noção de tempo assume papel central no modernismo. Em Pessoa, o tempo histórico é cíclico e mítico, evocando o sebastianismo e a ideia de um retorno messiânico. Em Saramago, o tempo é linear, mas opressor, marcando a impossibilidade de fuga da história e da herança do passado. Já em Eliot e Faulkner, o tempo é descontínuo e labiríntico, refletindo a confusão e a fragmentação da experiência moderna.

Essa análise comparativa permite perceber que, independentemente da tradição literária, o modernismo foi um movimento de crise e renovação, no qual a literatura deixou de ser apenas um espelho da realidade para se tornar um espaço de questionamento e experimentação. Em todas as obras analisadas, percebe-se uma recusa em aceitar a identidade nacional como algo fixo e imutável, propondo, em vez disso, uma visão mais fluida e multifacetada.

A literatura modernista trouxe uma profunda reflexão sobre identidade nacional, tradição e ruptura. Tanto em Portugal quanto nos países de língua inglesa, o movimento modernista rompeu com paradigmas literários anteriores, explorando a fragmentação da linguagem, a multiplicidade de vozes e a incerteza da modernidade. Enquanto no modernismo português se observa a tensão entre passado glorioso e presente decadente, na literatura anglófona há um questionamento do progresso e da ordem racional do mundo ocidental. O cruzamento dessas perspectivas evidencia que a modernidade não se dá de maneira uniforme, mas sim de forma adaptada a cada contexto histórico e cultural (Lourenço, 1986).

A identidade nacional é um dos temas centrais da literatura modernista. Em

Portugal, Fernando Pessoa (1934) e seus heterônimos refletem sobre o caráter fragmentado do eu e da nação. Em *Mensagem*, observa-se uma tentativa de revisitar o passado heroico dos descobrimentos, mas sem a exaltação ingênua da epopeia clássica. O poeta adota um tom melancólico e reflexivo, sugerindo que a grandeza lusitana se perdeu e que o destino de Portugal é incerto.

Essa fragmentação do discurso nacionalista reflete uma das características essenciais do modernismo: a problematização dos discursos hegemônicos. A modernidade não é apenas um tempo de avanços tecnológicos e de progresso econômico, mas também de crises e desintegrações. A busca por um sentido de pertencimento torna-se uma questão central na literatura modernista (Bosi, 2006).

A ruptura com a concepção tradicional de sujeito, substituindo a noção de um indivíduo coeso por uma identidade fragmentada e instável, é outro aspecto fundamental da produção modernista. Essa característica pode ser observada tanto em Fernando Pessoa quanto em T.S. Eliot e William Faulkner. No caso de Pessoa, essa fragmentação se manifesta de forma evidente nos seus heterônimos. Cada um deles representa uma visão de mundo distinta, explorando diferentes estilos e perspectivas. Álvaro de Campos encarna o entusiasmo e a angústia da modernidade, enquanto Ricardo Reis representa a nostalgia da tradição clássica. O próprio Fernando Pessoa ortônimo assume um papel de espectador, alguém que observa a desintegração do sujeito sem conseguir sintetizá-lo em uma identidade única (Pessoa, 1934). Na prosa modernista, a fragmentação do sujeito se traduz em novas formas narrativas.

Em William Faulkner (1929), por exemplo, a linearidade do romance tradicional é substituída pelo fluxo de consciência, uma técnica que reproduz a desordem dos pensamentos dos personagens. Em *O Som e a Fúria*, o tempo é desestruturado e os eventos são narrados sob diferentes pontos de vista, criando uma leitura labiríntica e desafiadora.

Essa inovação formal também pode ser observada em Saramago (1984), que utiliza longos parágrafos, pontuação pouco convencional e diálogos integrados à narrativa para criar uma sensação de fluidez e imersão. Em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, a identidade nacional portuguesa é vista através do olhar de um personagem que habita o limiar entre a ficção e a realidade, um heterônimo pessoano que se torna personagem literário. A

narrativa de Saramago problematiza a relação entre literatura e história, sugerindo que a identidade de um país é sempre uma construção discursiva e que o passado está em constante disputa (Saramago, 1984).

Além da fragmentação do sujeito, o modernismo também questiona a memória coletiva e a forma como os discursos oficiais moldam a identidade nacional. Em *Mensagem*, Pessoa revisita figuras históricas de Portugal, mas as apresenta de forma ambígua e contraditória. O rei Dom Sebastião, por exemplo, simboliza tanto a esperança de um futuro glorioso quanto a impossibilidade de retorno do passado. Em *A Terra Devastada*, Eliot constrói um mosaico de referências históricas, sugerindo que a modernidade vive sob os escombros de civilizações anteriores (Eliot, 1922).

A ideia de que a identidade é um espaço de conflito e ressignificação se reflete também na obra de Faulkner (1929). Seus romances exploram a memória do Sul dos Estados Unidos e a herança da escravidão, revelando as contradições de um país que tenta conciliar seu passado violento com os ideais do progresso. De maneira semelhante, Saramago (1984) revisita o passado português com um olhar crítico, desmistificando figuras históricas e expondo as falhas e dilemas da construção nacional.

A literatura modernista, ao problematizar a relação entre passado e presente, abre espaço para a reconstrução das narrativas nacionais de maneira mais crítica e multifacetada. Assim, as obras analisadas demonstram que a identidade, longe de ser um conceito fixo, é um campo de disputas simbólicas, onde a literatura desempenha um papel fundamental na sua redefinição e ressignificação ao longo do tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise comparativa entre o modernismo português e anglófono revela não apenas as especificidades culturais de cada tradição literária, mas também os diálogos e interseções que caracterizam o movimento modernista em uma perspectiva global. A literatura, ao longo do século XX, passou por profundas transformações, refletindo as inquietações e desafios do período. A fragmentação da identidade, a experimentação formal e a desconstrução das narrativas históricas são características fundamentais desse movimento, permitindo um novo olhar sobre a relação entre o passado e o presente, entre

o indivíduo e a nação.

A literatura modernista portuguesa, representada por Fernando Pessoa e José Saramago, constrói uma visão crítica da identidade nacional, explorando as contradições entre tradição e modernidade. Pessoa, por meio de seus heterônimos, questiona a noção de um eu fixo e coeso, revelando uma multiplicidade de perspectivas que refletem a complexidade do sujeito moderno. Em *Mensagem* (1934), o poeta revisita figuras históricas de Portugal, mas o faz de maneira ambígua, oscilando entre a exaltação e a ironia. Já Saramago, em *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), reinsere um heterônimo pessoano no contexto histórico do Estado Novo, problematizando a relação entre literatura, política e memória. Ambas as obras demonstram que a identidade nacional não é um conceito estático, mas sim um campo de disputa, sujeito a constantes reinterpretações e ressignificações.

Na literatura anglófona, a crise da identidade e a fragmentação da experiência moderna se manifestam de forma semelhante, mas com abordagens e temas distintos. T.S. Eliot, em *A Terra Devastada* (1922), constrói um poema que reflete o colapso da ordem ocidental após a Primeira Guerra Mundial. A justaposição de vozes, referências culturais e mitológicas cria um mosaico de fragmentos, no qual o sujeito moderno tenta, sem sucesso, encontrar sentido em um mundo destruído. A obra de Eliot dialoga diretamente com o sentimento de perda e desorientação que caracteriza o modernismo português, ainda que o contexto histórico e cultural seja distinto.

William Faulkner, em *O Som e a Fúria* (1929), aprofunda essa fragmentação ao aplicar técnicas narrativas inovadoras, como o fluxo de consciência e a sobreposição de perspectivas. A desestruturação do tempo e da linearidade narrativa reflete a deterioração das certezas do mundo moderno, evidenciando as tensões entre passado e presente. A história da família Compson, marcada pela decadência e pela perda de status, simboliza o colapso dos valores tradicionais do Sul dos Estados Unidos, assim como Pessoa e Saramago questionam os mitos fundadores da nação portuguesa.

Essas semelhanças não implicam em uma homogeneização do modernismo, mas sim em uma série de diálogos entre diferentes contextos literários. A busca por novas formas de expressão, o rompimento com os cânones narrativos e a problematização da

identidade nacional são características comuns ao modernismo português e anglófono, mas cada tradição desenvolveu estratégias próprias para lidar com essas questões. Em Portugal, a tensão entre o passado glorioso e a realidade decadente impulsionou uma literatura marcada pelo saudosismo e pela ironia, enquanto na literatura anglófona a fragmentação foi amplificada pela experiência da guerra e pelo desencanto com o progresso.

Outro aspecto relevante da literatura modernista é a revisão crítica da história. No caso português, a literatura modernista resgata o passado colonial e os mitos dos descobrimentos, mas os reinsere em um contexto de crise e questionamento. Pessoa e Saramago não rejeitam a tradição, mas a subvertem, demonstrando que os discursos históricos são construções narrativas sujeitas a múltiplas interpretações. Na literatura anglófona, esse processo ocorre de maneira semelhante, com autores como Eliot e Faulkner revisitando o passado para revelar suas falhas e contradições. Eliot reconstrói fragmentos de diferentes civilizações para mostrar o esvaziamento da cultura ocidental, enquanto Faulkner expõe o peso da escravidão e do racismo na memória do Sul dos Estados Unidos.

Além das interseções temáticas e formais, as literaturas modernistas também compartilham uma preocupação com a experimentação linguística. A linguagem modernista não busca representar a realidade de forma objetiva, mas sim recriar a experiência do sujeito moderno em sua complexidade. Pessoa, por meio de seus heterônimos, explora diferentes estilos e registros discursivos, enquanto Saramago desfaz as convenções da pontuação e da estrutura narrativa tradicional. Eliot incorpora múltiplos idiomas e referências intertextuais em sua poesia, e Faulkner desconstrói a sintaxe e a organização do romance tradicional. Essa diversidade estilística reflete a impossibilidade de uma única narrativa dar conta da complexidade do mundo moderno, reforçando a ideia de que a literatura é, antes de tudo, um espaço de questionamento e reinvenção.

A análise comparativa do modernismo português e anglófono permite não apenas compreender melhor as especificidades de cada tradição literária, mas também ampliar a percepção sobre os desafios da modernidade. O diálogo entre essas literaturas evidencia que a crise da identidade, a fragmentação da experiência e a revisão crítica da história não

são questões restritas a um único país ou cultura, mas sim fenômenos globais que marcaram a literatura do século XX. Essa abordagem comparativa também demonstra que a literatura não é apenas um reflexo da realidade, mas uma ferramenta ativa na construção do pensamento e na reelaboração das narrativas históricas e culturais.

O modernismo permanece uma referência fundamental para a literatura contemporânea, cujos escritores continuam a dialogar com as questões levantadas pelo movimento. A fragmentação da identidade, a desconstrução da narrativa linear e a revisão da história são temas que ainda ressoam na produção literária atual, demonstrando que as inquietações do modernismo não foram completamente resolvidas. A literatura segue sendo um espaço de experimentação e reflexão, onde as tensões entre tradição e inovação, ordem e caos, memória e esquecimento continuam a ser exploradas e ressignificadas.

Dessa forma, a comparação entre o modernismo português e anglófono não apenas ilumina as particularidades de cada tradição, mas também evidencia as interconexões que configuram a literatura como um fenômeno global. Os desafios enfrentados pelos modernistas permanecem relevantes, e a literatura continua a desempenhar um papel essencial na compreensão das complexidades do mundo contemporâneo. Ao questionar o passado, reinventar o presente e explorar novas possibilidades para o futuro, o modernismo reafirma a sua importância como um dos momentos mais inovadores e instigantes da história da literatura.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- ELIOT, T. S. *A Terra Devastada*. Londres: Faber & Faber, 1922.
- FAULKNER, William. *O Som e a Fúria*. Nova York: Jonathan Cape & Harrison Smith, 1929.
- LOURENÇO, Eduardo. *Fernando Pessoa: Rei da Nossa Baviera*. Lisboa: Gradiva, 1986.
- PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Lisboa: Ática, 1934.
- SARAMAGO, José. *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Lisboa: Caminho, 1984.

Submissão: setembro de 2025. Aceite: outubro de 2025. Publicação: janeiro de 2026.